Nas ~~entrelinhas~~ das charges

Como chargistas driblaram a censura nos tempos da ditadura

Bruna Aucar, Marina Gomara, Priscilla Mattos e Roberta Fortuna

"Fazer humor debaixo do AI-5, de certo ponto de vista, era mais fácil do que hoje em dia. Naquela época, todo o público tinha a mesma visão: os militares eram o 'mal' e a sociedade civil era o 'bem'."

A declaração de Ziraldo, a princípio, pode parecer contraditória, se considerarmos todas as dificuldades que os tempos da ditadura trouxeram para a imprensa e as manifestações culturais dos anos 60 e 70. Ele próprio foi perseguido e preso pelos militares. Mas em pleno século XXI, gozando de uma liberdade de expressão inimaginável naquela época, a frase do jornalista comprova o enorme sucesso e a aceitação que o humor tinha nos "anos de chumbo". Para driblar a censura era preciso muita astúcia. Não se podia escrever ou desenhar condenando o regime militar de forma explícita. Era preciso encontrar um espaço para a crítica contra a opressão de maneira sutil e eficaz. Nesse sentido, as charges desempenharam um importante papel na oposição política aos militares.

O Pasquim é considerado por muitos o mais importante veículo anti-conformista da história da imprensa brasileira. E apesar da censura prévia imposta pelo governo do então presidente, o general Emílio Garrastazu Médici, no ano de 1969, estabelecendo "a não-tolerância a publicações contrárias ao regime, à moral, e aos bons costumes", os humoristas do jornal semanal conseguiam driblar os censores com seus afiados instrumentos de crítica: o humor e a sátira. E como o grande público compactuava das idéias expressas por nomes como Henfil, Jaguar, Millôr e Ziraldo fica fácil entender a vendagem de 200 mil exemplares que o Pasquim chegou a atingir em 69.

Para que as charges pudessem ser publicadas, a solução encontrada por Jaguar e Millôr era insinuar, escrever nas entrelinhas e deixar implícita a aversão ao governo. Como o medo da repressão impedia que as pessoas manifestassem seus pontos de vista, bastava a mais discreta das críticas, bem camuflada numa charge, para causar o impacto desejado. "Naquela época, o humor retratava a ditadura, a falta de liberdade de imprensa e a repressão dos militares. Hoje, vivemos em uma democracia, mas vemos tanta corrupção, que quando alguém faz xixi fora do penico, criticamos pra valer", analisa Ziraldo.

Mas nem sempre eles conseguiam burlar o crivo da censura. Numa das edições do Pasquim, Jaguar satirizou um quadro de Pedro Américo em que o artista retrata D. Pedro I dando o grito do Ipiranga. O humorista reproduziu a pintura com um balão saindo da boca do Imperador com o seguinte escrito: "Eu quero é mocotó!". A frase foi tirada de uma música de Jorge Ben muito tocada nas rádios da época. A brincadeira, comemorada pelos humoristas, não agradou nem um pouco ao primeiro escalão do regime que a considerou ofensiva e atentatória à segurança nacional. A edição do jornal foi apreendida horas após a impressão e Jaguar foi convocado pelo Exército para depor. A piada

do "mocotó" acabou lhe rendendo dois meses de cadeia.

Tão ousado e criativo era o grupo do Pasquim que, mesmo com a prisão de nove de seus integrantes, em outubro de 1970, o jornal continuou em circulação. O crédito da façanha é da secretária Martha Alencar e de Henfil, Miguel Paiva e Millôr Fernandes que, em liberdade, escreviam e desenhavam imitando seus colegas detidos. Eles se dividiram por estilos: Henfil desenhou imitando Jaguar e Fortuna; Miguel Paiva imitou Ziraldo; e Millôr escreveu textos como se fosse Sérgio Cabral, Paulo Francis, Flávio Rangel e Luiz Carlos Maciel. Resultado: 80% do jornal eram produzidos pelo trio. O espaço restante era preenchido por colaborações de artistas e intelectuais como Chico Buarque, Otto Lara Resende, Glauber Rocha, Rubem Braga, entre outros.

Essa proeza só foi possível porque grande parte das pessoas desconhecia as prisões feitas pelos militares. Sem poder se referir explicitamente ao episódio, os editores do jornal começaram a mencionar a prisão dos seus companheiros como uma gripe que assolara o Pasquim. Os leitores mais sagazes entenderam perfeitamente a referência.

Na cadeia, os protagonistas reais da história se divertiam com a tentativa de serem imitados. O rato Sig de Jaguar, um de seus grandes personagens no Pasquim, era completamente descaracterizado por Henfil. E ao invés de intelectualizado e cheio de bons modos, Sig parecia influenciado pela veia sádica de Os dois fradinhos - personagens de Henfil – e chegava ao extremo de fazer xixi nos pés dos outros.

"Era importante, naquele processo de reconquista da democracia, a mobilização da sociedade civil e da intelectualidade."

Zuenir Ventura

Um ano antes das prisões, Henfil ganhava destaque com Os dois fradinhos e começava a disputar a empatia do público com o Sig de Jaguar. Para Henfil, o personagem Baixinho – um dos fradinhos – ridicularizava e agredia a falsidade e a hipocrisia da sociedade em que ele vivia. Além disso, Baixinho simbolizava a negação do que Henfil chamava de religião do terror, na qual tudo era pecado. A política de Henfil era clara: poesia não, sadismo sim.

Um dos momentos culminantes de Henfil no Pasquim é com o Cemitério dos Mortos-Vivos. Nele, o cartunista enterrava com desprezo personalidades que, segundo o seu próprio julgamento, simpatizavam com a ditadura ou se omitiam politicamente. Nelson Rodrigues, o apresentador Flávio Cavalcanti, o cantor Wilson Simonal e até Elis Regina e Clarice Lispector foram alguns dos "enterrados". Para o jornalista Zuenir Ventura, houve um choque causado na área cultural com o aparecimento do Cemitério dos Mortos-Vivos: "Havia uma quase unanimidade em relação a determinadas pessoas estarem no cemitério, mas em relação a outras, não. Era uma coisa muito forte e agressiva, até irritante. Henfil tinha razão ao achar que vivíamos um período em que não dava para você ficar em cima ou atrás do muro. Era importante, naquele processo de reconquista da democracia, a mobilização da sociedade civil e da intelectualidade".

Casa Grande Sem Sala - Ykenga

O chargista Ykenga, que também fez parte do Pasquim nos anos 70, conta que o próprio censor servia de inspiração aos chargistas. "Gostávamos de desenhar o censor vestido com uma farda, segurando, ao invés de uma arma ou um objeto de tortura, uma caneta Pilot. Afinal, para nós, a caneta que riscava e proibia que nossos desenhos fossem publicados era uma forma de coibir nossa liberdade", diz, emocionado.

Para Ykenga, trabalhar sob a repressão da ditadura fez com que ele descobrisse o poder que o desenho tem de transmitir informação de forma rápida e lúdica. "A imagem passava pela censura mais facilmente que o texto já que as mensagens analógicas tinham duplo sentido", avalia.

> **"A caneta que riscava e proibia que nossos desenhos fossem publicados era uma forma de coibir nossa liberdade"**
>
> **Ykenga**

Mesmo assim, foi grande a quantidade de material inutilizado no regime militar. Para piorar as coisas, parte desses trabalhos que resistiu até os dias atuais traz resquícios da repressão cultural. Fato é que nos primeiros anos da década de 70 não havia máquinas de tirar xerox. Assim, os chargistas eram obrigados a submeter, aos censores, os originais dos seus trabalhos. Aquilo que não era aprovado era riscado de cima a baixo com um X feito com uma caneta Pilot vermelha de tinta indelével. Felizes foram aqueles que conseguiram burlar a censura, desmascarar o regime ditatorial e ajudar, através dos veículos de comunicação, na redemocratização do país.

O mundo sob os olhos de Mafalda

Se alguns gênios da charge no Brasil conseguiram burlar a censura da ditadura e expressar sua repulsa ao regime militar com grande sutileza e sagacidade, na Argentina, Quino, ultrapassou as fronteiras do seu país com uma crítica social personificada na figura da garotinha Mafalda.

Aparentemente inocente, a personagem é, na verdade, um poço de esperteza. Mafalda é uma contestadora. Ela se mostra insatisfeita com os grandes contrastes sociais presentes no mundo e critica a ordem capitalista vigente.

Assuntos polêmicos são sempre pauta para suas reflexões sobre: discriminação racial, direitos humanos, violência, liberdade, religião, educação, entre outros. Manolito, um dos personagens que estão à sua volta, é o seu oposto – um menino que ama o dinheiro acima de qualquer coisa.

Ao fazer Mafalda, o chargista e humorista Quino estava atento aos grandes questionamentos do ser humano. E mesmo tendo criado a personagem em 1964 para uma revista semanal argentina, ela permanece atual nos dias de hoje, tendo sido traduzido para 10 países.

Quino, no entanto, não desenha Mafalda desde 1973, a não ser para campanhas especiais da Cruz Vermelha e da Unicef. Em entrevista a uma revista alemã após o atentado de 11 de setembro, ele diz que se Mafalda fosse idealizada hoje em dia ela seria mais pessimista.

Humor para informar e criticar

Ana Carolina Canegal, Daniela Gleiser, Eduardo Losekan e Isabela Palmeira

"O humor é uma arma", disse certa vez Henfil. Esta força crítica e transformadora do humor atribui ao humorista o papel de formador de opinião. Enquanto o jornalista cumpre o papel de informar sobre um fato, o profissional do humor tem a intenção ironizá-lo, de forma cômica e irreverente. Mas, apesar das diferenças, o humor esteve presente em toda história da imprensa no Brasil. A partir da segunda metade do século XIX, já se apresentava como forma de expressar opinião. Dispondo de técnicas de impressão mais sofisticadas, periódicos como O Mequetrefe, de 1875, e Revista Illustrada, publicada no ano seguinte, passaram a utilizar a caricatura como mecanismo de crítica ao Império. Nem Dom Pedro II escapou do ataque de revistas e jornais de humor, sátiras e caricaturas.

Imperturbáveis, a mosca e o presidente – Fernando Bizerra Jr., 2000

Com a proclamação da República, a imprensa deixou de ser produzida e controlada pelos órgãos estatais, mas ainda sofria fortes interferências do governo. Depois da Revolução de 30, contudo, a censura do governo voltou a incomodar a mídia impressa, culminando na criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Poucos jornais enfrentaram o DIP com textos e imagens de humor como o fez A Manhã, de Aparício Torelly.

Durante a segunda ditadura militar do Brasil, entre 1964 a 1985, a imprensa voltou a sofrer com a censura. Os militares cometeram várias arbitrariedades contra jornais, revistas e até mesmo jornalistas. Alguns veículos lutaram bravamente contra esse processo. O Pasquim caracterizou-se como um dos principais focos de resistência política à ditadura militar.

E foi na década de 70 que o desenho de humor invadiu a grande imprensa chegando às primeiras páginas. À medida que o humor assumia papel político, a charge ganhava o lugar das caricaturas e dos cartuns. Um episódio contado por Chico Caruso confirma a relevância da charge em matéria publicada no Jornal Rio Artes: "Quando grupos extremistas de esquerda assaltaram um banco na Bahia, a polícia deixou que eles fossem fotografados de cuecas. Depois saiu uma charge com o Lula usando o mesmo traje sumário. O resultado foi uma carta do Henfil, militante do PT, na qual sentenciou: 'Você (Chico Caruso) conseguiu fazer o que nem a Polícia Federal e o SNI conseguiram: manchar a imagem do Lula'", contou o chargista.

A ousadia do humor é tanta que nem os cliques das máquinas fotográficas escapam. Uma foto do rosto do presidente Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, não traz em si nenhuma novidade, mas quando uma mosca pousa em sua testa, o retrato adquire uma conotação jocosa, dispensando explicações. "Muitas vezes, uma foto vai para primeira página apenas pela graça que tem, mesmo que não seja sobre o tema do dia. Uma imagem bem humorada é mais crítica do que um texto", diz a editora de fotografia do Jornal do Brasil, Ana Lúcia Araújo.

Não é somente sob formas visuais ou em colunas específicas que o humor se apresenta na imprensa brasileira. Atualmente, as matérias factuais também estão carregadas de doses humorísticas. Os jornalistas, contudo, nem sempre sabem o limite entre o texto irreverente e o ridículo. "Não é qualquer pessoa que consegue escrever um texto engraçado. É necessário muita competência", ressalta Ricardo Villela, editor da revista Domingo, do Jornal do Brasil.

> "O tirano pode evitar uma fotografia. Jamais poderá impedir uma caricatura"
> Millôr Fernandes.

Para o jornalista e professor Muniz Sodré, boa parte da produção de humor atual está inserida na lógica da indústria cultural. "Hoje, a maioria dos jornalistas que fazem humor se sentem obrigados a serem engraçados o tempo todo. O humor é uma espécie de praga dos colunistas dos cadernos de cultura", analisa. E acrescenta: "Durante a ditadura militar, existiu o humor crítico, mas hoje noto um exagero do uso dessa ferramenta de forma reacionária e conservadora. Ele serve como vaselina para o *marketing* da cultura de massa".